

A DIVINA COMÉDIA

PURGATORÍO

DANTE ALIGHIERI



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Dante Alighieri

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
José Pedro Xavier Pinheiro

Imagens
Theus/Shutterstock.com;
Gleb Guralnyk/Shutterstock.com;

Revisão
Project Nine Editorial
Fernanda R. Braga Simon

Robert Adrian Hillman/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A411p Alighieri, Dante

Purgatório / Dante Alighieri ; traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. - Jandira, SP : Principis, 2020.
240 p. ; 16cm x 23cm. - (A divina comédia)

Inclui índice.
ISBN: 978-65-509-7033-8

1. Literatura italiana. 2. Poesia. 3. Dante Alighieri. 4. A divina comédia. I. Pinheiro, José Pedro Xavier. II. Título. III. Série.

2019-2189

CDD 851
CDU 821.131.1-1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura italiana : Poesia 851
2. Literatura italiana : Poesia 821.131.1-1

1ª edição revista em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------|-----|
| CANTO I..... | 5 |
| CANTO II..... | 12 |
| CANTO III..... | 18 |
| CANTO IV..... | 25 |
| CANTO V..... | 32 |
| CANTO VI..... | 39 |
| CANTO VII..... | 47 |
| CANTO VIII..... | 54 |
| CANTO IX..... | 61 |
| CANTO X..... | 68 |
| CANTO XI..... | 75 |
| CANTO XII..... | 82 |
| CANTO XIII..... | 89 |
| CANTO XIV..... | 96 |
| CANTO XV..... | 103 |
| CANTO XVI..... | 110 |

| | |
|-------------------|-----|
| CANTO XVII..... | 117 |
| CANTO XVIII..... | 124 |
| CANTO XIX..... | 131 |
| CANTO XX..... | 138 |
| CANTO XXI..... | 146 |
| CANTO XXII..... | 153 |
| CANTO XXIII..... | 161 |
| CANTO XXIV..... | 168 |
| CANTO XXV..... | 176 |
| CANTO XXVI..... | 183 |
| CANTO XXVII..... | 190 |
| CANTO XXVIII..... | 197 |
| CANTO XXIX..... | 204 |
| CANTO XXX..... | 212 |
| CANTO XXXI..... | 219 |
| CANTO XXXII..... | 226 |
| CANTO XXXIII..... | 234 |



CANTO I

Saindo do Inferno, Dante respira novamente o ar puro e vê fulgentíssimas estrelas. Encontra-se na ilha do Purgatório. O guardião da ilha, Catão Uticense, pergunta aos dois Poetas qual é o motivo da sua jornada. Logo após, ele os instrui relativamente ao que devem fazer, antes de iniciar a subida do monte.

Do engenho meu a barca as velas Solta
Para correr agora em mar jucundo,
E ao despiedoso pego a popa volta.

Aquele reino cantarei segundo,
Onde pela alma a dita é merecida
De ir ao céu livre do pecado imundo.

Ressurja ora a poesia amortecida,
Ó Santas Musas, a quem sou votado;
Unir ao canto meu seja servida

Calíope¹ o som alto e sublimado,
Que às Pegas² esperar não permitira
Lhes fosse o atrevimento perdoado.

1 Musa da epopeia. (N. T.)

2 As filhas de Pierio desafiaram as Musas para cantarem com elas e, vencidas, foram transformadas em pegas. (N. T.)

DANTE ALIGHIERI

Suave cor de oriental safira,
Que se esparzia no sereno aspeito
Do ar até onde o céu primeiro gira,

Recreia a vista; e eu ledo me deleito
Em surdindo da estância tenebrosa,
Que tanto os olhos contristara e o peito.

A bela estrela³, a amor auspiciosa
Sorrir alegre faz todo o Oriente,
Vela os Peixe⁴, que a seguem, luminosa.

Ao outro polo endereçando a mente,
Volto-me à destra, e os astros quatro vejo,
Que vira só a primitiva gente.

Folgar o céu parece ao seu lampejo.
Do Norte, ó região, viúva hás sido,
De os contemplar te não foi dado ensejo.

Depois de os remirar, já dirigido
Olhos havia para o polo oposto,
Donde a Carroça havia-se partido,

Eis noto um velho⁵, perto de mim posto,
Que reverência tanta merecia,
Que mais do pai não deve o filho ao rosto.

3 Vênus. (N. T.)

4 A constelação dos Peixes. (N. T.)

5 Catão Uticense, que, para não se entregar a Júlio César, se suicidou em Útica. (N. T.)

A DIVINA COMÉDIA – PURGATÓRIO

Nas longas barbas nívea cor saía,
Sendo na coma sua semelhante,
Que em dupla trança ao peito lhe caía.

A luz dos santos astros rutilante
De fulgor tanto lhe aclarava o gesto,
Que o vi, como se o Sol lhe fosse adiante.

“Quem sois que em contra o rio escuro e mesto⁶
Do eterno cárcere heis fugido os laços?”,
Movendo as nobres plumas, disse presto.

“Quem vos guiou alumando os passos
Para a profunda noite haver deixado,
Que enluta sempre os infernais espaços?”

As leis do abismo acaso se hão quebrado?
O céu dá, seus decretos revogando,
Que dos maus seja o meu domínio entrado?”

Travou de mim Virgílio, me exortando
Por voz, aceno e mãos: como queria
Os joelhos curvei, olhos baixando.

“De motu meu não vim”, lhe respondia,
“De Dama aos rogos, que do céu descera
Socorro este homem, sirvo-lhe de guia.

Pois que é desejo teu que a nossa vera
Condição definida mais te seja,
Prestar-me cumpro explicação sincera.

6 O rio Aqueronte. (N. T.)

Aura da vida este home'inda bafeja,
Mas tanto, de imprudente, se arriscara,
Que é maravilha vivo ainda esteja.

Disse como a salvá-lo me apressara:
Por onde os passos dirigir pudesse
Essa vereda só se deparara.

Mostrei-lhe a gente, que por má padece;
Mostrar-lhe intento os que ora estão purgando
Pecados no lugar, que te obedece.

Longo seria como o vou guiando
Dizer-te: é força do alto a que me impele,
Para te ver e ouvir o encaminhando,

Digna-te, pois, beni'no ser com ele:
A liberdade anela, que é tão cara:
Sabe-o bem quem por ela a vida expele.

Por ela a morte não te há sido amara
Em Útica, onde a veste foi deixada,
Que em Juízo há de ser de luz tão clara.

Por nós eterna lei não é violada:
Ele inda vive; Minos não me empece;
No círc'lo estou, onde acha-se encerrada

Tua Márcia⁷, que em casto olhar parece
Rogar-te ainda que por tua a tenhas:
Lembrando-a em favor nosso te enternece.

7 Esposa de Catão. (N. T.)

A DIVINA COMÉDIA – PURGATÓRIO

Ir deixa aos reinos teus, não nos retenhas;
Hei de a Márcia dizê-lo agradecido,
Se lá de ti falar-se não desdenhas.”

“Márcia a meus olhos tão jucunda há sido
Que”, tornou-lhe Catão, “eu de bom grado
No mundo quanto quis lhe hei concedido.

Estando além do rio detestado,
Mover-me ora não pode: este preceito
Me foi, deixando o Limbo, decretado.

Se por dama celeste hás sido eleito,
Como disseste, é vã lisonja agora;
O que requeres em seu nome aceito.

Vai, pois: cingindo este homem sem demora
De liso junco, lava-lhe o semblante;
Toda a impureza seja posta fora.

Cumpre que, quando ele estiver perante
O anjo, que do céu vier primeiro,
Névoa nenhuma os olhos lhe quebrante.

Lá onde baixa o ponto derradeiro
Do mar batido, esta ilha tem viçoso
Juncal que alastra todo o seu nateiro.

Não pode vegetal rijo ou frondoso
Ter vida ali; porque não dobraria
Ao embate das ondas caprichoso.

DANTE ALIGHIERI

Aqui tornar inútil vos seria.
Vereis ao Sol, que surge, o melhor passo
Para subir do monte à penedia.”

Sumiu-se. Ergui-me, então, sem mais espaço,
E em silêncio; olhos fitos no semblante
De Virgílio, amparei-me com seu braço.

“Comigo, ó filho”, diz-me “segue avante.
Atrás voltemos; pois daqui se inclina
O plano para o mar, que jaz distante”.

Fugia ante a alva a sombra matutina;
Já nos ficava aos olhos descoberta,
Posto remota, a oscilação marina.

Pela planície andávamos deserta,
Como quem trilha a estrada, que perdera,
E teme não achar vereda certa.

Chegando à parte, onde não pudera
Do rocio triunfar o Sol nascente,
Porque à sombra o frescor pouco modera,

Sobre a relva meu Mestre brandamente
As mãos ambas abriu: o movimento
Lhe noto e o compreendo, diligente,

As lacrimosas faces lhe apresento.
Virgílio as cores restaurou-me ao gesto,
Que desbotara o inferno nevoento.

A DIVINA COMÉDIA – PURGATÓRIO

Vimos à erma praia a passo lesto:
Nunca sobre águas suas navegara
Homem que o mundo torne a ver molesto.

Cingido fui, como Catão mandara.
Portento! A humilde planta renascida,
Qual antes vi no solo, onde a arrancara,

Sem diferença, de súbito crescida.



CANTO II

Estão os Poetas ainda na praia, incertos em relação ao caminho, quando chega uma barca, guiada por um Anjo, da qual saem almas destinadas ao Purgatório. Uma delas, o músico Casella, amigo de Dante, a convite do Poeta, começa a cantar uma sua canção. Os dois Poetas e as almas ficam a ouvir o canto harmonioso. Sobrevém, porém, o severo Catão, que as repreende, e as almas fogem para o monte.

Resplendecia o Sol já no horizonte
Que tem meridiano, onde iminente
O zênite fica de Solima ao monte⁸.

Na parte oposta a noite diligente
Do Ganges co'as Balanças se elevava,
Que lhe caem da mão, quando é excedente.

Já nesse tempo a idade transformava
A branca e rósea cor da bela Aurora
Noutra, que a de áureos pomos simulava.

Do mar ao longo inda éramos nessa hora,
Como quem, na jornada embevecido,
Se apressa em mente, os pés, porém, demora:

8 Colocando o Purgatório em um hemisfério antípoda àquele da terra, o Poeta nota que onde ele estava o Sol despontava e na mesma hora em Jerusalém (Solima) descia a noite. (N. T.)

Eis, qual sobre manhã, enrubescido,
Das névoas através, Marte chameja
No ponente das ondas refletido,

Uma luz (praza a Deus de novo a veja!)
Tão veloz pelo mar vi deslizando,
Que não há voo de ave, que igual seja.

Maior mostrou-se e mais fulgente, quando,
Depois de ter-me ao Guia meu voltado,
De novo olhei o seu brilho contemplando.

Nívea forma também, a cada lado,
Lhe divisei; abaixo aparecia
De igual cor outro vulto assinalado.

Té asas discernir permanecia
O sábio Mestre meu silencioso.
Mas então, como o nauta conhecia,

Bradou: “curva os joelhos respeitoso,
Junta as mãos: eis de Deus um mensageiro!
De ora avante hás de ver outros ditoso.

Vê que, aos humanos meios sobranceiro,
Para vir de tão longe velas, remos
Possui das asas no volver ligeiro.

Como ele as alça para o céu já vemos,
Eternas plumas suas agitando;
Não mudam como dos mortais sabemos”.

Em tanto, mais e mais se aproxinando,
Mais clara sobressai a ave divina:
Olhos abaixo à luz me deslumbrando.

O anjo logo à riba a nave inclina,
Tão rápida, tão leve, que parece
Voar somente na amplidão marina.

Na popa erguido o nauta resplendece:
Feliz quanto é lhe está na frente escrito;
Das almas turba ao mando lhe obedece.

*In exitu Israel de Egypto*⁹

A uma voz cantavam juntamente
E o mais, que foi no santo salmo dito.

Sinal da Cruz lhes fez devotamente:
Todos então à riba se lançaram
E tornou, como veio, incontinente.

Em volta remirando, os que ficaram
Pareciam de espanto apoderados,
Como quem a estranheza se acercaram.

O Sol frechava os lumes seus dourados,
Lá do meio do céu tendo expelido
O Capricórnio a tiros reiterados,

Quando as almas, que haviam descendido,
Perguntam-nos: “Sabeis, para indicar-nos,
Por onde o monte pode ser subido?”

9 Primeiro verso do Salmo 114. (N. T.)

A DIVINA COMÉDIA – PURGATÓRIO

Tornou Virgílio: “Vos apraz julgar-nos
Do lugar sabedores; mas viandantes,
Como sois vós, deveis considerar-nos.

Chegáramos aqui, de vós, pouco antes,
Por estrada tão árdua e temerosa,
Que esta subida a par, jogo é de infantes”.

Notando aquela turba, curiosa,
Que eu, pelo respirar, era homem vivo,
Enfiou ante a vista portentosa.

E como, a quem da paz ramo expressivo
Presenta, o povo acerca-se cuidadoso
Em tropel de notícias por motivo:

O bando assim das almas venturoso
Em meu rosto atentava alvoroçado,
Quase esquecido de ir a ser formoso.

Uma, tendo-se às mais adiantado
A me abraçar correu com tanto afeito,
Que fui de impulso igual arrebatado.

Sombras vãs, verdadeiras só no aspeito!
Três vezes quis nos braços estreitá-la,
Só as três vezes estreitei ao peito.

Ante o espanto, que o gesto me assinala,
Sorriu-se; e, como já se retirasse,
Avançando, eu tentei acompanhá-la.